

O EDIFÍCIO-PASSAGEM COMO TEMA DE ENSINO NA UFPE

EL EDIFICIO DE PASAJE COMO TEMA DE ENSEÑANZA EN LA UFPE

THE PASSAGE BUILDING AS A TEACHING TOPIC AT UFPE

LAPROVITERA, ENIO

Doutor, UFPE; E-mail: eniolaprovitera@uol.com.br

MORAIS, MARIANA

Mestre em Arte e Design para o Espaço Público, FBAUP; E-mail: mariana.obm@gmail.com

RESUMO

A disciplina Oficina de Projeto 1 se apoia num método de análise histórica focado nas passagens cobertas parisienses do XIX para, a partir destas, pensar *edifícios-passagens* para a atual cidade do Recife. O edifício-passagem é descrito como um modelo físico de arquitetura cuja essência repousa numa determinada concepção de cidade. O retorno às passagens do século XIX é um artifício metodológico que visa iluminar a postura do arquiteto e do professor ao analisar a matéria histórica (a cidade): trata-se, como diz Walter Benjamin (1985), de olhar o passado na perspectiva dos vencidos, e, assim, ressuscitar tipos históricos esquecidos. A prática pedagógica adotada neste ateliê de projeto procurou desconstruir o edifício-passagem em seus elementos principais - o portal, a galeria e os espaços subordinados - para, a partir desta análise, abrir a possibilidade de uma releitura contemporânea. A análise reflete sobre o porquê de este tipo de edifício ganhar sentido na atual problemática urbana recifense - fundada num modelo arquitetônico opaco, apático e privatista - e, neste caminho, o porquê de textos clássicos dos anos 1960 e 1970 (Jacobs, Rossi, Norberg-Schulz e, um pouco antes, o próprio Benjamin) só agora encontrarem solo fértil nos ateliês de projeto da UFPE.

PALAVRAS-CHAVE: ateliê de projeto; edifício-passagem; arquitetura urbana; uso misto.

RESUMEN

El curso Taller de Proyectos 1 se basa en un método de análisis histórico centrado en los pasajes cubiertos parisinos del siglo XIX para, a partir de estos, pensar los pasajes de los edificios a la actual ciudad de Recife. El edificio de pasaje se describe como un modelo físico de arquitectura cuya esencia descansa en una concepción particular de la ciudad. La vuelta a los pasajes del siglo XIX es un artifício metodológico que pretende iluminar la postura del arquitecto y del docente al analizar la materia histórica (la ciudad): es, como dice Walter Benjamin (1985), mirar al pasado desde la perspectiva de los vencidos, y así resucitar tipos históricos olvidados. La práctica pedagógica adoptada en este estudio de diseño buscó desconstruir el edificio de pasaje en sus elementos principales: el portal, la galería y los espacios subordinados, para a partir de este análisis abrir la posibilidad de una reinterpretación contemporánea. El análisis reflexiona sobre por qué este tipo de edificación tiene sentido en el actual problema urbano de Recife –basado en un modelo arquitectónico opaco, apático y privatista– y, de esa forma, por qué los textos clásicos de las décadas de 1960 y 1970 (Jacobs, Rossi, Norberg - Schulz, y un poco antes el propio Benjamin) recién ahora encuentran terreno fértil en los estudios de diseño de la UFPE.

PALABRAS CLAVES: estudio de diseño; edificio de pasaje; arquitectura urbana; uso mixto.

ABSTRACT

The course Project Workshop 1 is based on a method of historical analysis focused on the Parisian covered passages of the 19th century to, from these, think about buildings passages to the current city of Recife. The passage building is described as a physical model of architecture whose essence rests on a particular conception of the city. The return to the passages of the 19th century is a methodological artifice that aims to illuminate the posture of the architect and the teacher when analyzing the historical matter (the city): it is, as Walter Benjamin (1985) says, looking at the past from the perspective of the vanquished, and thus resurrect forgotten historical types. The pedagogical practice adopted in this design studio sought to deconstruct the passage building into its main elements – the portal, the gallery, and the subordinate spaces – in order from this analysis to open up the possibility of a contemporary reinterpretation. The analysis reflects on why this type of building makes sense in the current urban problem in Recife – founded on an opaque, apathetic and privatist architectural model – and, in this way, why classic texts from the 60s and 70s (Jacobs, Rossi, Norberg- Schulz, and a little earlier, Benjamin himself) are only now finding fertile ground in UFPE's design studios.

KEYWORDS: design studio; building passage; urban architecture; mixed use.

Recebido em: 02/08/2022

Aceito em: 11/04/2023

1 INTRODUÇÃO: A DISCIPLINA E O PROJETO PEDAGÓGICO DA UFPE

A Oficina de Projeto 1 se insere nas atividades dos ateliês de projeto do *currículum* acadêmico da UFPE. Na verdade, as oficinas de projetos aparecem como atividades complementares, de caráter *eletivo*, ao eixo central *obrigatório* de projeto composto pelos Ateliês de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo.

De forma sucinta, podemos dizer que o *currículum* retira o foco da atividade projetual do *edifício* para redirecioná-lo para a *cidade*. Como não se trata, evidentemente, de uma simples mudança de *escala* ou mesmo de *território*, as atividades de projeto incorporaram de forma mais enfática a reflexão sobre teoria e história, passando também a reunir, num só espaço, a reflexão sobre o edifício, a cidade e a paisagem - daí chamarem-se Ateliês de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo.

O desafio das disciplinas *eletivas* chamadas de Oficinas de Projeto parece ser, portanto, para nós, oferecer a possibilidade de aprofundamento da atividade projetual sem descaracterizar a atmosfera da proposta pedagógica do curso formatado no interior do debate contemporâneo sobre a cidade.

Numa palavra, o desafio parece ser a retomada do foco no edifício tendo, todavia, o pensamento voltado para a cidade.

2 A ESCOLHA DO TEMA, O EDIFÍCIO-PASSAGEM E A POSTURA DO PROJETISTA

A escolha do tema da Oficina de Projeto 1 está intimamente relacionada com o entendimento de certa postura ou tomada de posição do arquiteto - e, também, do professor de projeto - na cidade contemporânea.

A postura que propusemos para nossos alunos foi a de tentar analisar e resolver uma necessidade ou problemática do *presente*, olhando para as experiências históricas acumuladas, ou seja, para o *passado*.

Nessa tarefa, resolvemos, deliberadamente, nos apoiar na reflexão de Walter Benjamin (1985), em especial na sua concepção da postura do historiador quando diante da matéria histórica.

Com isso, associamos, logo de início, a atividade do projetar (arquitetura) com a da escrita (história) do lugar e inundamos nosso ateliê de projeto com textos históricos da arquitetura e das ciências sociais - introduzindo, assim, a abordagem interdisciplinar na atividade projetual.

O arquiteto, assim como o historiador benjaminiano, analisaria a história das soluções arquitetônicas e urbanísticas na perspectiva da salvação ou resgate de passados oprimidos (esquecidos). O ato de projetar seria, portanto, um meio de viabilizar o encontro secreto - deve-se dizer, também, premeditado — que existe entre o passado e o presente. Esta postura é definida por Benjamin (1985) como um pentear a história a contrapelo, isto é, na perspectiva dos vencidos.

Nessa perspectiva, e diante de uma problemática bastante peculiar e atual (presente) da cidade do Recife (densidade construtiva sem vitalidade de usos e sem permeabilidade urbana), resgatamos um tipo de edifício mítico fundador da cidade moderna - o edifício-passagem - e o que é o seu propósito fundamental: o desafio de recriar a *flânerie* urbana.

O olhar para o *passado*, seria, então, uma *necessidade* - ou apelo - do tempo *presente*.

3 AS LIÇÕES DO PROJETO

Sabe-se que qualquer ato de projeto ou de batismo - nomear as coisas e fatos do mundo - num dado tempo presente lança luz para atividades e objetos que talvez no passado não fossem necessariamente reconhecidos pelo mesmo nome ou função de origem.

Por isso, falar em edifício-passagem nos remete, entre outras coisas, a obras como a Ponte Vecchio, de Taddeo Gaddi (1345); as colunatas da Praça de São Pedro, no Vaticano, de Bernini (1657); ou, mesmo, as passagens cobertas parisienses de autores diversos e menos conhecidos do século XIX.

De que *edifício-passagem* trata, então, a disciplina Oficina 1 da UFPE?

A resposta nos remete a rememorar a postura metodológica adotada que consiste na busca da experiência histórica para a resolução de problemas atuais, e, assim, nos defrontamos, imediatamente, com a problemática da cidade moderna - e do seu emblemático edifício-passagem - frente aos problemas e às necessidades cidadinas do adensamento, da permeabilidade e da diversidade de usos, tão necessárias ao espetáculo da *flânerie* urbana.

As passagens cobertas parisienses do século XIX - assim como as de outras cidades do mundo - são, portanto, para nós, um tipo específico de edifício-passagem, fruto da problemática da cidade moderna, problemática essa, na nossa opinião, reeditada no atual contexto da cidade do Recife.

Não se trata, portanto, tão simplesmente, de um edifício excepcional de caráter público que ofereça uma *passagem* de um ponto a outro do espaço - no caso da Ponte Vecchio, de uma margem a outra do Rio Arno (Figura 1) - e, no caso das colunatas de Bernini, uma passagem das bordas da Praça de São Pedro (como um braço envolvendo os fiéis) até a entrada da Basílica (Figura 2).

Figura 1: Ponte Vecchio, Florença.



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 2: Praça de São Pedro, Vaticano.



Fonte: Enio Laprovitera.

Ao nosso ver, diferentemente de outras situações de arquitetura de passagem, o edifício-passagem do século XIX é fruto contundente da problemática da emergente cidade moderna, e, por isso, sua morfologia e alma — como diria Aldo Rossi (2001) - nos traz um típico problema de *arquitetura urbana*. Trata-se de uma intervenção no *tecido ordinário* - e não de exceção, ou monumental - de caráter *privado*, mas que pela solução arquitetônica *torna-se* de uso *público*. O seu desafio é oferecer um edifício de programa denso e com diversidade de usos dentro de uma proposta de recriar, numa espécie de *alegoria* da rua, um ambiente *público* propício a *flânerie* urbana. Sua contribuição, diferentemente da de outros exemplos históricos precedentes, vem, portanto, das problemáticas da 1) necessária densidade populacional; 2) diversidade de usos; e 3) permeabilidade urbana, entendida aqui, vale dizer, não como um meio ou instrumento para se chegar a um destino, mas, muito pelo contrário, como um meio para não se chegar a lugar nenhum, como um meio, como diria Benjamin (1989), para fazer com que aprendamos a nos perder na cidade como sabemos nos perder numa floresta!

Enunciado o programa e a função deste tipo de *arquitetura urbana*, colocamos para os alunos de Oficina de Projeto 1 a questão da escolha do terreno - geralmente duas opções em áreas centrais da cidade. Este exercício vem associado a uma experiência de perambular - *flanar* - pelo centro da cidade, retomando, assim, um pouco do método da Teoria da Deriva dos Situacionistas dos anos 1950, em especial através da leitura de Guy Debord (1991).

Assim, retomamos a problemática da cidade moderna utilizando um método de análise e de deslocamento experimental que, em princípio, procura fugir do enquadramento visual e funcional da cidade modernista. *Deriva*, *passagem*, *flânerie*, e também *tensão*, nos parecem ingredientes importantes para abordar a problemática herdada da cidade moderna sem cair na mesmice funcionalista - homogeneidade tipológica dos espaços, falta de diversidade de usos, controle de densidade - cujo nosso diagnóstico de origem nos orientava justamente para o seu oposto.

A área de trabalho escolhida - neste semestre, por exemplo, o tradicional bairro da Boa Vista, com clássicos exemplos modernistas dos anos 1950, dotados de uso misto e galeria de passagem (Figura 3) - reproduzia, de certa maneira, os locais preferenciais da instalação das passagens parisienses, pois trata-se de uma área central de habitação e comércio e com proximidade a equipamentos culturais - no nosso caso, o Teatro do Parque e o tradicional Cinema São Luís.

Figura 3: Imagem de satélite da cidade do Recife.



Fonte: www.google.com/maps (setas com indicações feitas por Enio Laprovitera)

O local nos traz um ambiente de forte presença da histórica rua-corredor definida pelos velhos sobrados da Rua da Imperatriz e Rua da Aurora, mas também, mais precisamente na Av. Conde da Boa Vista e Av. Guararapes, um ambiente de massa edificada modernista, predominantemente de uso misto, datada dos anos 1940 e 1950, quando a cidade sai definitivamente do seu núcleo histórico da Ilha de Antônio Vaz (bairros de Santo Antônio e São José) em direção ao bairro da Boa Vista (Figura 3).

Este cenário nos coloca num ambiente de transição entre o edifício histórico derivado do sobrado colonial e o edifício modernista dos anos 1950 - já com 10 a 15 pavimentos -, embora todos eles respeitem a implantação de periferia de quadra, mantendo, assim, o paradigma do edifício definidor da rua.

Essa morfologia urbana e o ainda persistente uso misto, associados à experiência do *flanar* na rua - ainda característica destas áreas centrais -, nos parecia definir a atmosfera estética e funcional através da qual os alunos poderiam sentir os ecos ou murmúrios de um passado perdido, ou talvez, apenas, anestesiado: o edifício-passagem!

4 OS ELEMENTOS CONCEITUAIS DO PROJETO

A escolha do edifício-passagem do século XIX como ponto de partida para um tema de projeto de uma disciplina em pleno século XXI é, deliberadamente, uma opção pedagógica, ao nosso ver, de extrema valia para o entendimento da atual problemática urbana da cidade do Recife.

No desenvolvimento da disciplina, resolvemos manter de forma um pouco inflexível - na verdade, tomando-o como ponto de partida - o estudo do tipo clássico da passagem coberta do século XIX para, ao final dos trabalhos, chegarmos a soluções que poderiam oferecer uma releitura contemporânea deste tipo histórico. O exercício tem, então, como fio condutor de análise e projeto, uma referência física e morfológica precisa, as passagens parisienses, mas, sobretudo, a simbologia e o *modus vivendi* de um programa arquitetônico cuja característica alicerça a vida urbana saudável: a *flânerie*.

Orientamos, então, a análise dos alunos tomando como referência o que acreditamos ser os três elementos morfológicos - e simbólicos - principais das passagens cobertas: o *portal*, a *galeria* e os *espaços subordinados* à galeria.

Portal

O tema do portal é, sem dúvida, elemento de grande simbologia na cultura arquitetônica e urbanística, pois aparece, por exemplo, nas portas das cidades antigas - inclusive na forma de arcos de acesso, como os outrora existentes nos bairros históricos centrais do Recife -, assim como em portais de acesso ao interior de quadras de edifícios históricos.

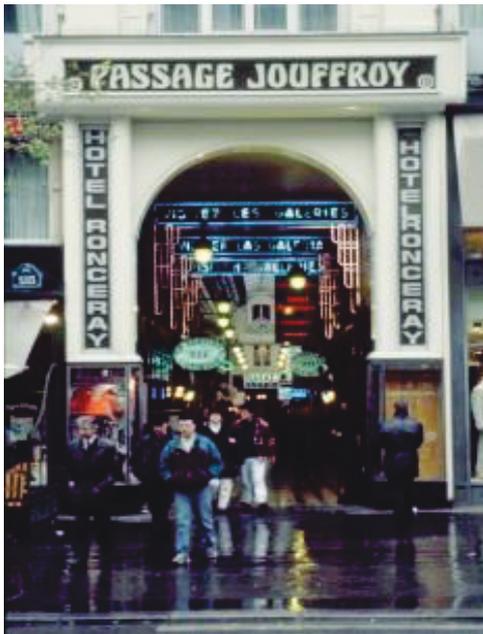
Em todos estes casos, o caráter simbólico de passagem é evidente. Todavia, chamamos a atenção dos alunos no caso da passagem coberta do século XIX para a associação desta mensagem histórica à descoberta e à invenção de um tipo arquitetônico novo que se define pela fusão entre a rua e o que será

mais adiante a galeria comercial. Na verdade, a operação visa metamorfosear um território em princípio *privado* — as próprias passagens parisienses nasceram de operações imobiliárias em terras leiloadas antes pertencentes à aristocracia e à igreja — em um ambiente *público* de permanência e passagem.

Além do mais, esta *alegoria de rua coberta* — ladeada de butiques comerciais — aparece, de certa forma, numa condição de extremo conforto e fascínio antes mesmo da consolidação do *boulevard* haussmaniano. O portal traz, assim, o *fetice* da descoberta de um mundo novo, ao mesmo tempo sofisticado e mundano, completamente envolto pelo mistério do labirinto. Assim, a clara conceituação deste artefato arquitetônico - o portal - e o estudo das suas proporções *urbanas* aparecem como fator de primeira importância do projeto.

O portal funciona, então, como um *convite misterioso* e uma sugestão de *deriva* ao traçado concêntrico e perspectivado do urbanismo francês e oferece a possibilidade de *permanência* e *encontro* no seio do anonimato da cidade moderna.

Figura 4: Passagem Jouffroy, Paris.



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 5: Galeria Vivienne, Paris.



Fonte: Enio Laprovitera.

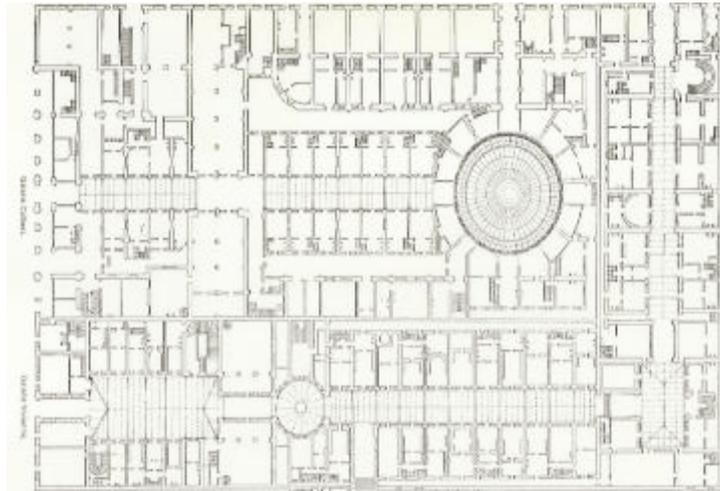
Galeria

O segundo elemento referencial do projeto é, justamente, a *galeria*, ou a *passagem* propriamente dita.

Este é o elemento arquitetônico estruturador do projeto e que articula uma ou mais ruas a depender da sua configuração urbana.

É um espaço de *passagem*, mas, também, local de *encontro* e grande *sociabilização pública*. Por isso, a concepção da galeria deve ser feita de forma que a passagem do *exterior* (rua) do lote para o *interior* (galeria) possa provocar no transeunte uma *inversão* na vivência espacial a tal ponto que as próprias noções de *interior* e *exterior* perdem o sentido. Como diria Benjamin (1993), as *passagens* - e, assim, a cidade - tornam-se, então, a *sala de estar do flâneur*. Ou ainda, como dirá mais tarde, Norberg-Schulz (2013), o *meio exterior* quando humanizado torna-se *interior* ou *casa*.

Figura 6: Planta baixa – Galeria Colbert (alto) e Galeria Vivienne (abaixo), Paris.



Fonte: DELORME, Jean-Claude et DUBOIS, Anne-Marie, 2002, P.94. Fotografia: Martine MOUCHY.

Apesar de o espaço da galeria adquirir a forma de um grande corredor, sua estruturação contempla uma diversidade de espaços onde se alternam butiques comerciais, salões literários, cafés e restaurantes e até grandes áreas para acomodação do grande público - algumas redondas com abóbadas em ferro e vidro -, onde não se tem acesso direto às lojas (Figura 8). Essas galerias, no caso europeu, apresentam cobertas em estrutura de ferro e vedação em vidro, trazendo para o seu interior a atmosfera da *rua* (Figura 9). Isso é reforçado por lâmpões de iluminação tal qual os então existentes no espaço público, e foi aí onde, no caso de Paris, primeiro apareceu a iluminação elétrica. A depender da configuração urbana e da topografia, essas galerias se desenvolvem em níveis diferenciados e servem a diversas ruas, aumentando assim a atmosfera e simbologia do *labirinto* - e, por aí, a ideia de *deriva urbanística* (Figura 10).

Figura 7: Galeria Vivienne, Paris.



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 8: Passagem Colbert, Paris.



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 9: Passagem Colbert, Paris.



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 10: Galeria Vivienne, Paris.



Fonte: Enio Laprovitera.

Os espaços subordinados à galeria-passagem

Associado ao espaço da *galeria-passagem* propriamente dita, encontramos, no térreo, uma diversidade de espaços comerciais e, nos andares superiores, espaços de uso habitacional.

No desenvolvimento dos trabalhos, chamamos a atenção para o caráter “subordinado” desses espaços para com a grande galeria estruturadora da intervenção. Com isso, estamos chamando a atenção para o caráter de *rua pública abrigada* da galeria e, com isso, para sua necessária concepção enquanto *espaço público* que possibilita a transição - ou, melhor ainda, a *extensão* - da rua da cidade até as butiques privadas.

A partir desta conceituação da galeria como espaço público - extensão da rua -, *evitamos* a todo instante a tendência dos alunos de setorizarem e distinguirem o que é acesso de *serviço* e o que é acesso *social*, assim como a tendência, também herdada do modernismo recifense, de tentar *desassociar* o *acesso das habitações* da grande galeria-passagem que perpassa o lote.

Dizer que os espaços comerciais e habitacionais são “subordinados” à galeria-passagem significa tratar esta como um grande *eixo público* por onde os acessos às lojas e aos pavimentos superiores de habitação devem acontecer. As lojas ou butiques são acessadas através da galeria principal - que é tratada como rua - e não diretamente do espaço público da cidade. Não foi em poucas situações que os alunos tenderam a repetir a segregação funcional do apartamento residencial de hoje colocando e distinguindo uma entrada social e outra de serviço, ambas diretamente conectadas com a *rua da cidade* - e não para a *galeria interna* onde estão as lojas. Não raro também, nos exercícios em sala de aula, observamos com frequência a tentativa de criar portarias ou recepções privativas de acesso aos pavimentos superiores residenciais do edifício proposto, e não a partir da galeria-passagem, reproduzindo, assim, a lógica segregacionista da maioria da produção atual habitacional da cidade do Recife. Era como se existisse uma resistência conceitual - que vem, por sua vez, de um hábito comportamental de uso do espaço - de batizar a galerian-passagem como de fato um espaço de caráter público, espécie de alegoria de rua.

Assim, o desenvolvimento da *galeria-passagem* com os espaços comerciais e habitacionais a ela “subordinados” apresenta-se como um exercício pedagógico de extrema importância para o *estranhamento* da lógica privatista da arquitetura dominante hoje em Recife.

Chama-se também a atenção para a importância de favorecer não só uma *diversidade de usos* para estes espaços - comercial, *gourmet*, cultural, habitacional -, mas também favorecer uma *diversidade tipológica*

destes: formatos, pés-direitos e dimensões. É por este raciocínio que oferecemos aos alunos um caminho alternativo à hegemônica ideia do *grande espaço fluido* da nossa arquitetura, levando à reflexão para o que poderíamos chamar da *estética do estreito e do labirinto*.

Essas duas características - diversidade de *usos* e de *dimensões/formatos* - serão decisivas para a criação de um ambiente lúdico, com diversidade funcional e também a necessária *diversidade social*, pois passa a contemplar do grande ao pequeno comerciante, desfazendo a lógica elitista dos atuais centros comerciais.

O mesmo ocorre com a concepção dos espaços habitacionais - em geral, projetados nos pavimentos superiores -, pois abre-se a possibilidade de incluir num mesmo empreendimento tipologias de um a quatro quartos, e isso passando também pelo apartamento tipo *loft*. Contraria-se, assim, a lógica do mercado habitacional recifense, uma vez que o programa do edifício deixa de ser definido por questões de *status* social - homogeneidade de famílias do mesmo extrato social - para se definir tão simplesmente pelas características funcionais da família (quantidade de cômodos, etc.).

Essa diversidade tipológica e de usos trará, como aponta Jacobs (2013), segurança e diversidade de contatos humanos, consolidando assim o *balé da cidade* no interior das passagens cobertas.

Tendo em vista que, na verdade, o objeto central do trabalho é a criação de um ambiente de estímulo ao convívio e à *flânerie* urbana, o *portal*, a *galeria-passagem* e os *espaços subordinados* são apenas os suportes materiais para que uma determinada concepção de cidade seja resgatada ou despertada.

5 A LIBERDADE PROJETUAL

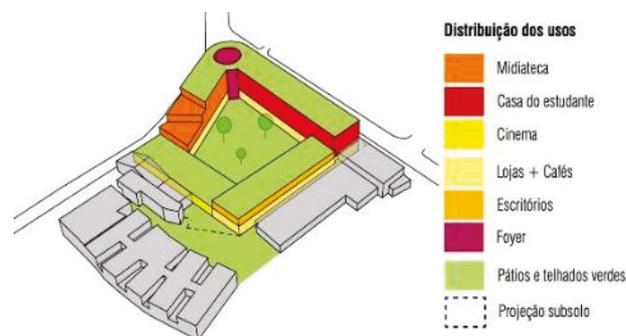
Como falamos, o exemplo histórico das galerias parisienses com os seus três elementos morfológicos e conceituais (*portal*, *galeria* e *espaços subordinados*) são apenas um *ponto de partida* ou *instrumento pedagógico* para a prática do projeto.

Como ponto fixo, temos, apenas, a necessária *diversidade de usos* - mesclando comércio e habitação - e, evidentemente, o tão precioso tema da *permeabilidade* ou *passagem* urbana.

A Passagem do Pátio - uma releitura de edifício-passagem no bairro da Soledade - foi desenvolvida pela estudante Mariana Morais para o seu trabalho de conclusão de graduação em 2016. Trata-se de um projeto de reestruturação de uma esquina localizada no bairro da Soledade (Centro Expandido da Cidade do Recife) e de requalificação de seu entorno a partir da tipologia do edifício-passagem. É um projeto especulativo, o qual busca questionar as diversas barreiras físicas e culturais traduzidas na arquitetura e no urbanismo através da investigação das relações entre os elementos componentes da cidade, os quais são, por vezes, paradoxais: o novo e o antigo; o interior e o exterior; a passagem e a permanência; o raso e o profundo; o cinza e o verde.

É proposto, portanto, um edifício-passagem de uso misto e de grande permeabilidade, o qual contenha acessos compartilhados por seus diferentes usos e, conseqüentemente, por uma população variada. A ideia é que, assim como uma edificação de porta e janela - a exemplo dos sobrados presentes na área -, o cinema, a midiateca, a casa do estudante, as lojas e os escritórios deste projeto possam estar próximos ao ambiente público sem barreiras excessivas, tão comuns nos edifícios da cidade atualmente.

Figura 11: Distribuição dos usos.

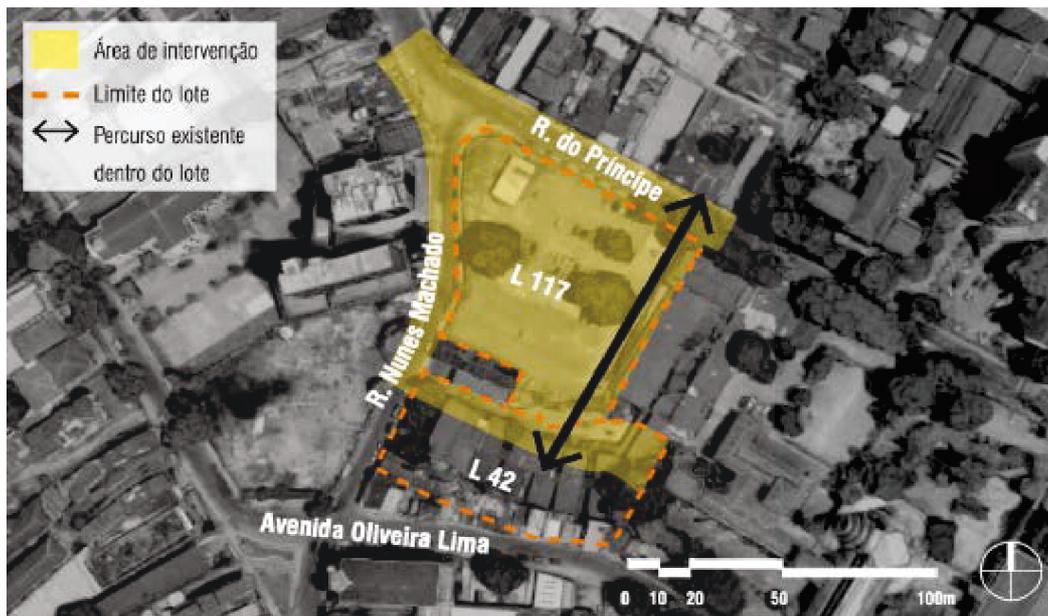


Fonte: Mariana Morais.

O lugar em que o edifício-passagem se insere é fundamental para seu funcionamento e manutenção. A escolha do terreno se apoiou, então, nos seguintes fatores: a) a vitalidade da área – a qual é bastante dinâmica em diferentes horários do dia devido à sua diversidade de usos e à proximidade a grandes corredores de transporte da cidade (Av. Conde da Boa Vista e R. do Príncipe); e b) as dimensões e uso do lote – embora praticamente qualquer tamanho de terreno possa comportar um edifício-passagem, para efeitos do presente trabalho de curso buscou-se um lote amplo e subutilizado para ser requalificado.

A área de intervenção escolhida para este trabalho, portanto, é situada no bairro da Soledade, na esquina da Rua do Príncipe com a Rua Nunes Machado: ela engloba 1) o lote 117 (4.517,40m²), o qual contém um estacionamento — onde ficará o edifício-passagem; 2) o pátio do lote 42 da Rua Nunes Machado, o qual abriga o Bloco J da Universidade Católica; e 3) os passeios e vias das imediações. O lote 117 já funciona como passagem para os transeuntes vindos da R. do Príncipe que acessam o Bloco J.

Figura 12: Área da intervenção.



Fonte: Mariana Morais.

Pode-se dizer que esses terrenos escolhidos configuram mais do que apenas lotes: são um *lugar*. A localização privilegiada do lote de esquina 117, o qual está situado praticamente a um ângulo de 90 graus em relação ao eixo da Rua do Príncipe, faz com que esta esquina seja um ponto focal e, conseqüentemente, um ponto de referência para os que transitam por essa via. Ainda, o entorno conta com alguns monumentos e espaços livres, os quais configuram um importante conjunto de referências históricas, paisagísticas e culturais, e caracterizam a identidade da área e do centro, a exemplo dos casarões históricos e da Matriz e Largo da Soledade.

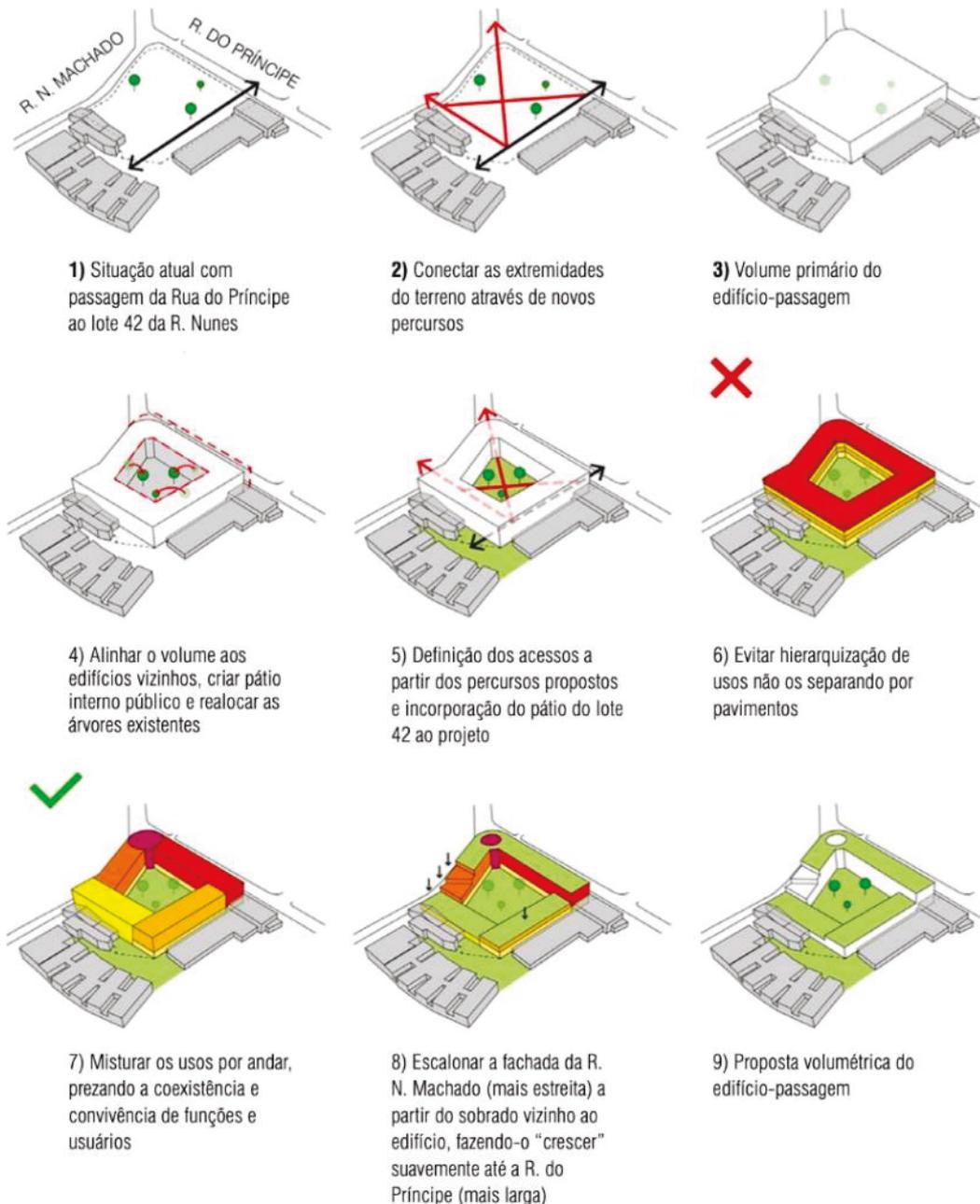
No que diz respeito ao entorno, pode-se destacar a grande incidência de faculdades, colégios e cursos preparatórios; de comércio e serviços diversificados, associados a um forte comércio informal; de equipamentos de saúde, como clínicas, laboratórios e o Hospital Oswaldo Cruz; de instituições públicas e governamentais, como o Iphan e vários bancos; e de habitações, por vezes associadas aos usos de comércio e serviço. Em contrapartida, há uma baixa ocorrência de instituições culturais, as quais se resumem ao Teatro Valdemar de Oliveira, ao Instituto Abelardo da Hora e a algumas igrejas, como a Matriz da Nossa Sra. da Soledade. Quanto ao zoneamento, o terreno de intervenção está localizado no Setor de Preservação Ambiental (SPA) englobado pela Zona Especial de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural (ZEPH 25). O SPA se constitui de áreas de transição entre o Setor de Preservação Rigorosa (SPR) referente ao Palácio da Soledade e as áreas circunvizinhas.

Embora a Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS - Lei no 16.176/1996) preveja afastamentos frontal, laterais e de fundo para o novo edifício, admitir tais parâmetros seria negar a composição morfológica histórica dos quarteirões do centro do Recife. Afastar o edifício da rua seria negá-la enquanto espaço público de trocas sociais, endossando a prática atual de construção de ilhas. Para os fins desse trabalho,

portanto, serão considerados os afastamentos como nulos. E, por se tratar de um projeto voltado para o pedestre enquanto transeunte, usuário e morador, e entendendo que a área de estudo é amplamente atendida por um sistema de transporte público consolidado, o projeto se contentará em propor uma quantidade mínima de vagas de estacionamento para automóveis.

O edifício-passagem foi projetado a partir dos percursos, da conexão de ruas e das necessidades dos usuários da área. Ao longo destes percursos, foram criados ambientes de permanência, os quais buscam **valorizar o espaço da cidade** e potencializar a dinâmica presente na área, por meio de um edifício congregado e de um programa variado e coerente com o lugar e sua história.

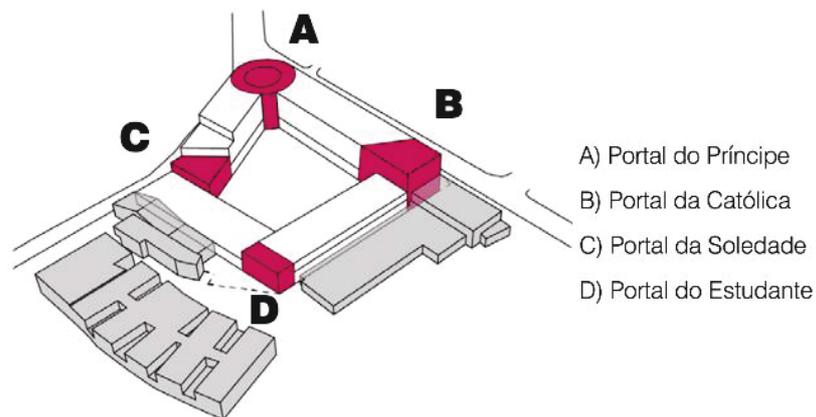
Figura 13: Diagramas da definição volumétrica.



Fonte: Mariana Morais.

O edifício possui quatro portais urbanos (ou pórticos). Três deles — os portais do Príncipe, da Católica e da Soledade — voltam-se para a rua, enquanto o Portal do Estudante volta-se para o pátio da Universidade Católica (lote 42). Os três primeiros portais estão associados a *foyers*, os quais funcionam como abrigo, encruzilhada e espaço de congregação. Enquanto os portais urbanos funcionam como elementos verticais, os quais podem ser “lidos” nos pavimentos que “permeiam”, os *foyers* são elementos horizontais, intrínsecos ao térreo, pois se configuram como uma extensão da rua, diluindo a relação entre interior e exterior — é a cidade adentrando o edifício. Tanto é que, na esquina da Rua do Príncipe com a Rua Nunes Machado, o *foyer* “transborda” o lote, invadindo a rua e criando assim um cruzamento elevado, um espaço compartilhado entre pessoas e diferentes modais.

Figura 14: Portais.



Fonte: Mariana Morais.

Figura 15: A – Portal do Príncipe (Esquina).



Fonte: Mariana Morais.

Figura 16: B – Portal da Católica (R. do Príncipe).



Fonte: Mariana Morais.

Figura 17: C – Portal da Soledade (R. Nunes Machado).



Fonte: Mariana Morais.

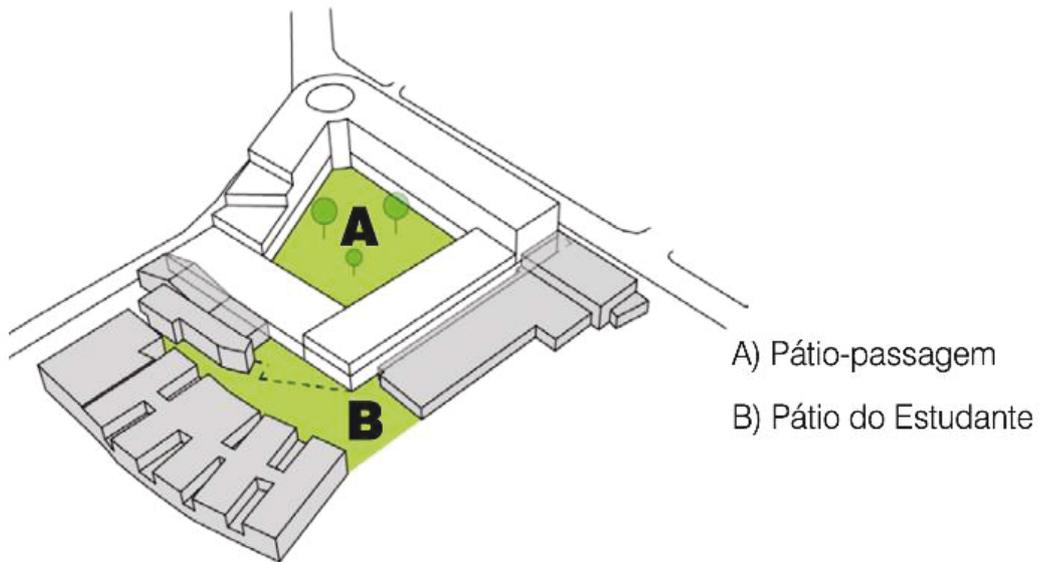
Figura 18: D – Portal do Estudante (Pátio do Estudante).



Fonte: Mariana Morais.

Há dois pátios: um pátio-passagem no interior do lote 117, de uso público; e o Pátio do Estudante da Universidade Católica (lote 42), de uso semipúblico. Esses pátios funcionam como um lugar de “respiro”, distante dos automóveis, e são tanto lugares de permanência como de passagem. O pátio-passagem é composto de dois espaços: o gramado e o terraço. O terraço é resultado de um desnível de -1.20m criado para ventilar e iluminar o estacionamento no subsolo. Tomando-se partido desse rebaixamento de piso, criou-se uma área que funciona como uma praça de alimentação, mas que também é destinada a pequenos e médios eventos e *performances*.

Figura 19: Pátios.



Fonte: Mariana Morais.

Figura 20: A – Pátio central.



Fonte: Mariana Morais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão da disciplina Oficina de Projeto 1 e do trabalho de conclusão de graduação mencionado no tópico anterior nos levou a uma tomada de posição do arquiteto e do professor diante da matéria histórica (a cidade): o *resgate do passado* - o edifício-passagem - com base numa *necessidade do presente*, a saber, a apatia e opacidade do atual modelo urbanístico e arquitetônico de Recife.

A disciplina nos permitiu perceber também - pela liberdade criativa alcançada pelos estudantes - que, para além da materialidade física da cidade, o debate esteve centrado numa certa maneira de usar e viver a cidade, condensada na imagem da *flânerie* urbana.

O resgate desta problemática e de um edifício tipo da cidade moderna - realizada nas salas de aula da UFPE em pleno século XXI - nos fez refletir também sobre as condições sociais, urbanísticas e intelectuais necessárias para a boa *recepção de ideias e tipos* arquitetônicos aparentemente *esquecidos*.

Assim, o tema das passagens parece ressurgir no momento em que vivenciamos um modelo excludente e privatista de arquitetura e urbanismo e quando a inegável crise do ideário modernista nos concede uma *atmosfera intelectual favorável a recepção das ideias* de Benjamin, Jacobs, Rossi, Norberg-Schulz e Debord. A *prática de ateliê* e o tema do *edifício-passagem* se mostraram, portanto, como uma verdadeira *aventura intelectual*. O modelo arquitetônico do edifício-passagem é visto, como diz Rossi (2001) a respeito da *arquitetura da cidade*, como uma *ideia ou cultura urbana* que transcende a *forma física*, que transcende sua *permanência morfológica*.

Podemos concluir, então, dizendo que o ato de projetar, assim como o faz o historiador benjaminiano, consiste em *resgatar* imagens nas *fissuras da memória coletiva* e, assim, possibilitar o *encontro secreto* marcado entre o *passado* e o *presente*.

7 REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas vol 1, Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. O Flâneur. In: BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas vol 3, Charles Baudelaire. Um Lírico no Auge do Capitalismo. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, Walter. Paris, Capitale du XIXe Siècle. Le livre des passages. Paris: Les Éditions du CERF, 1993.
- DEBORD, Guy. Définitions Situationnistes. In: CONRADS, Ulrich. Programmes et Manifestes de L'Architecture du XXe Siècle. Paris: Les Éditions de La Villette. 1991.
- DELORME, Jean-Claude ; DUBOIS, Anne-Marie. Passages Couverts Parisiens. Paris: Éditions Parigramme, Fotografia: Martine MOUCHY, 2002.
- JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- MORAIS, Mariana. A Passagem do Pátio: uma releitura de edifício-passagem no Bairro da Soledade. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O Fenômeno do Lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). Uma Nova Agenda para a Arquitetura. 2ª Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.